

# **GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS NA CONTEMPORANEIDADE: um estudo de sua utilização em sala de aula para a construção de sentido<sup>1</sup>**

Dr<sup>a</sup>. Eliana Crispim Luquetti<sup>2</sup>  
Roberta Santana Barroso<sup>3</sup>  
Edilaine da Silva Freitas<sup>4</sup>  
Sínthia Moreira Silva<sup>5</sup>

## **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo evidenciar a importância da utilização dos gêneros textuais digitais no contexto de sala de aula como meio para a construção de sentido dos estudantes. Na contemporaneidade, com todo o avanço tecnológico, houve um acréscimo de novas características aos gêneros textuais já existentes, mas também foram criados novos gêneros que apresentam um grande potencial participativo e esses são fundamentais para o ensino na era digital. Este estudo é metodologicamente estruturado por uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa, composta de fontes teóricas que embasam a discussão do tema. Constatou-se que os gêneros digitais podem ser um grande aliado no processo de ensino-aprendizagem e que é necessário conhecê-los para utilizá-los com propriedade.

**Palavras-chave:** Gênero textual; Gêneros textuais digitais; TDIC; Hipertexto e Processo de ensino-aprendizagem.

## **Introdução**

As mudanças acontecem constantemente em diversas áreas. Os avanços tecnológicos surgem a todo instante e trazem consigo caminhos para a inovação. É notória a urgência de adequação ao meio online. Isso ficou ainda mais evidente neste tempo em que a educação a distância se faz necessária por conta da pandemia que assolou o mundo. No âmbito do ensino, a abertura ao novo acontece e gera uma necessidade de aprimoramento dos conhecimentos existentes e ainda uma adaptação aos meios tecnológicos digitais. Nesse contexto, busca-se uma revisão de alguns dos gêneros textuais adaptando-os à nova realidade de atividades remotas e a uma

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Eixo Temático 2: As atividades educacionais e o uso das tecnologias digitais, do Encontro Virtual da ABCiber 2020.

<sup>2</sup> Professora na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Doutora e Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: [elinaff@gmail.com](mailto:elinaff@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestranda na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Licenciada em Letras e Pedagogia com especialização em Psicopedagogia (UNIG). E-mail: [robertasbf@hotmail.com](mailto:robertasbf@hotmail.com).

<sup>4</sup> Mestranda na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Licenciada em Letras com especialização em Estudos Linguísticos e Literários (UFSJ). E-mail: [edilainefreitas\\_21@hotmail.com](mailto:edilainefreitas_21@hotmail.com).

<sup>5</sup> Mestranda na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Licenciada em Letras com especialização em Estudos Linguísticos e Literários (UFSJ). E-mail: [sinthia.moreira@hotmail.com](mailto:sinthia.moreira@hotmail.com).

atualização para conhecer e aprender a lidar com novos gêneros textuais que se apresentam na era digital.

Os gêneros textuais fazem parte da comunicação do cotidiano. E, para que esta se efetive, é preciso lançar mão da faculdade inerente ao ser humano: a linguagem. Esta se faz por meio de códigos que se agrupam e resultam em textos. Os textos podem ser classificados quanto ao tipo e de forma mais minuciosa serem encaixados em um gênero, de acordo com a finalidade, papel social, público alvo e sua estrutura. Eles se enquadram em diversas esferas possuindo cada um suas particularidades.

No contexto digital, há textos que, embora tenham características tradicionais, há um aumento do potencial participativo, ao serem acrescidos no ciberespaço de novos elementos de interação. O conceito de texto é o mesmo, mas com novas formas de manifestação e novos meios de possibilitar a interação com o leitor. Vale ressaltar que existem os gêneros textuais convencionais no ambiente digital e os diferentes gêneros textuais digitais. Estes surgiram após a aquisição e o avanço da tecnologia digital, aqueles já existiam e se adaptaram ao novo universo.

Por meio deste estudo, que tem por objetivo evidenciar a importância da utilização dos gêneros textuais digitais no contexto de sala de aula como meio para a construção de sentido dos estudantes, destacam-se as atividades educacionais e o uso das tecnologias digitais e como devem ser utilizados visando um ensino mais crítico de leitura e uma produção de texto mais contextualizada. Para tanto, analisam-se as características marcantes de alguns gêneros textuais, em especial os gêneros textuais digitais, observando-se a efetividade de sua utilização de acordo com a realidade de cada aluno. Desse modo, delimita-se a seguinte questão-problema: qual a importância dos gêneros textuais digitais na construção de sentido em sala de aula na contemporaneidade?

Com todo o avanço tecnológico, houve um acréscimo de novas características aos gêneros textuais já existentes, mas também foram criados novos gêneros que apresentam um grande potencial participativo e esses são fundamentais para o ensino na atualidade. Assim, para delinear o estudo, este artigo está dividido em seções: a primeira aborda a evolução histórica dos gêneros textuais, o meio utilizado para sua classificação e como alguns autores discutem essa temática. A segunda seção faz uma explanação das abordagens presentes na BNCC voltadas para a prática com os gêneros textuais digitais. A terceira apresenta o destaque para a elaboração dessa proposta de estudo, visto que

abarca o contexto digital e as propriedades de alguns gêneros surgidos a partir da aquisição da Tecnologia Digital.

O estudo baseou-se na análise da bibliografia proposta no sentido de selecionar conceitos que trouxessem ao texto um melhor argumento no que se refere à classificação dos gêneros textuais, especificamente os digitais. No levantamento bibliográfico de base qualitativa, foram selecionados autores que dialogam a respeito dos conceitos sobre gêneros textuais e gêneros textuais digitais, assim como sua apropriação para a construção de sentido no contexto educacional na contemporaneidade. Dentre os teóricos, sublinham-se Bakhtin (2011), Xavier (2002; 2005; 2010) e Marcuschi (2002; 2010), que serviram de suporte na apresentação das concepções, reflexões e práticas acerca do tema abordado. Nessa mesma etapa, outros autores, além dos já mencionados, embasaram a argumentação, a estrutura textual sob o suporte digital em relação às formas textuais preexistentes, assim como as mudanças por meio da tecnologia nos meios de comunicação e seu impacto na linguagem.

Após a análise bibliográfica, cujo objeto de estudo é a premissa para realização das etapas consecutivas, foram levantadas as questões no âmbito da pesquisa: quais são os traços marcantes da evolução dos gêneros textuais? Como as normas da BNCC regem o trabalho com gêneros textuais digitais? Qual a relevância do trabalho com as TICs? Que novos gêneros textuais surgiram com a aquisição da tecnologia digital?

## **1 Uma análise linguística de diferentes gêneros textuais e sua evolução histórica**

Os textos são produzidos nas mais variadas atividades que os seres humanos realizam o tempo inteiro no seu dia a dia; são, pois, instrumentos estruturados pela língua em forma de enunciados. De acordo com o conteúdo e a situação comunicativa, esses enunciados assumem certas características, ficam diferentes entre si, assentando-se, assim, os gêneros do discurso, que são utilizados nas interações humanas.

Na concepção de Bakhtin (2011), o enunciado se constitui de três elementos ligados, utilizados para definir a particularidade do contexto; ele é individual e particular para cada campo de utilização da língua, é elaborado com seus próprios enunciados estáveis, que são denominados de gênero do discurso. São inesgotáveis as formas de manifestações dos gêneros, já que seu repertório se transforma à medida que as atividades humanas sofrem transformações. Nessa perspectiva, para Bakhtin (2011), a língua evolui constantemente no curso da história. Devido a seu aspecto mutável,

heterogêneo e dinâmico, deve ser tratada como um fenômeno social. Ela e sujeito estão relacionados mutuamente.

Para Schneuwly (2004), os gêneros podem ser primários e secundários. Quanto aos gêneros primários, há a prevalência das relações espontâneas, cotidianas, imediatas; são encontrados nas trocas, interações e controle mútuo pela situação. Em se tratando dos gêneros secundários já não são espontâneos, pois há neles o domínio das relações formais, mediadas pela leitura e pela escrita, não podem ser controlados diretamente com a situação. Sendo assim, nas situações vivenciadas no dia a dia, a interação se dá através do discurso; são utilizados também gêneros textuais adequados a cada situação.

De acordo com Marcuschi (2002), os gêneros são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano, como práticas sócio-históricas nas atividades comunicativas do cotidiano. Então, as nossas necessidades diárias, nossas atividades socioculturais, se realizam nos gêneros textuais orais e escritos. Para o autor, um gênero pode não ter uma determinada propriedade, e ainda continuar sendo aquele gênero.

Em se tratando de ensino de língua, compreende-se, pelo exposto, a importância e a necessidade de proporcionar aos alunos condições para que desenvolvam as suas capacidades em realizar escolhas ligadas ao nível de formalidade de uso da língua, assim como o gênero que melhor atenda a seus propósitos comunicativos. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), lançados em 1998, e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), homologada em 2017, são instrumentos que visam fomentar ações, com o objetivo de possibilitar à população atingir um aprendizado que lhe garanta uma participação social efetiva. Dessa forma, é indiscutível que o aspecto social da aprendizagem se torne algo evidente ao posicionamento crítico e à tomada de decisões em variadas situações sociais.

De um lado, estão os PCN, cujo entendimento de por gênero se torna algo mais amplo, ligado à definição bakhtiniana de “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 262), validados histórica e culturalmente. De outro lado, está a BNCC, que dá um grande passo em relação aos PCN ao associar essas concepções às de letramentos, tomadas aqui no plural, apontando para uma noção mais ampla, de multiletramentos, havendo então a necessidade de valorizá-los tanto em termos de leitura quanto de produção, através do contato dos variados tipos de gêneros como gifs, memes, vídeos-minuto, entre outros.

Sendo os gêneros textuais incontáveis e adaptáveis às diversas realidades e situações comunicacionais, com o avanço do meio tecnológico e das diversas alterações

nos meios de comunicação e da linguagem, surgiram os chamados gêneros digitais. A verdade é que a internet promoveu uma revolução social, pois a criação dos novos gêneros e alteração de outros do mundo físico, comprova que eles estão a serviço dos falantes e atendendo às suas necessidades ao seu tempo. Assim, bancos on-line, compras pela Internet, enfim, uma diversidade de situações do dia a dia passou a incorporar a rede virtual na execução das mais simples tarefas. Com isso, o espaço virtual se tornou um grande hipertexto. Aprender lê-lo ou navegar por ele, é um aprendizado amplo e variado, onde se utiliza a linguagem dos internautas.

No âmbito comunicacional, muitas inovações surgiram sem se esgotarem. Com muita força elas interferem em vários aspectos do processo comunicativo, pois hoje se vive-se na chamada sociedade da informação. Dessa forma, de acordo Silverstone (2002), “a mídia deve ser analisada como um meio/processo de intercessão no qual se alonga para além do ponto de contato entre textos midiáticos, leitores ou espectadores”. Para o autor, a mídia é uma interação de significados entre um texto e outro, existindo uma sucessiva mutação de significados, de forma que os textos da mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual. A escrita virtual substitui e complementa a escrita convencional, sem, contudo, eliminá-la. Na sociedade virtual imperam rapidez e praticidade a fim propiciar maior interatividade nesse meio; com isso, surgem novos gêneros a cada tipo de interação, conforme a necessidade em dar suporte às inovações tecnológicas e sociais.

O hipertexto não pode ser caracterizado como um tipo de gênero apenas; ele é, para Marcuschi (2002), “uma forma de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros dando-lhes neste caso algumas propriedades específicas”. São muitos os tipos de gêneros textuais e, atualmente, vêm surgindo outros mais no contexto digital.

## **2 Gêneros textuais no contexto digital**

Nas últimas décadas, os avanços tecnológicos projetaram mudanças significativas na estrutura da comunicação. O mundo globalizado, sua rápida comunicação em massa e a divulgação de informações modificaram várias áreas do conhecimento e da ciência e não seria diferente na linguagem. O mundo da linguagem tem se redesenhado conforme a comunicação vem se desenvolvendo e sua abrangência e transformações. O papel da linguagem nessas mutações contemporâneas, *a priori*, são mutações da comunicação e da produção de sentidos. Assim, “A linguagem é essencial

na determinação de mudanças na vida e nas experiências que fazemos. Ao mesmo tempo, ela é afetada e transformada por essas mudanças” (BARTHON; LEE, 2015, p. 13).

Conforme os apontamentos de Rojo (2015), com as tecnologias de informação e comunicação engendradas na sociedade, “surtem novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender. Novos tempos, novas tecnologias, novos textos, novas linguagens” (Ibidem, p. 116); portanto, os gêneros digitais/emergentes configuram novas práticas da linguagem escrita, uma nova tecnologia digital. Explica Marcuschi (2010) que, a despeito da variedade que vem surgindo, a maior parte deles apresenta semelhança em outras conjunturas, nas modalidades oral e escrita. Muitos deles “são evoluções de outros já existentes nos suportes impressos (papel), ou em vídeos (ex.: vídeos, fotografias). Porém essa tecnologia comunicativa verdadeiramente gerou novos gêneros, como por exemplo: os chats e os fóruns” (Ibidem, p.15). Santaella (2018) interpreta que,

Na mesma velocidade, as tecnologias da web vêm buscando seu aperfeiçoamento para gerar, conectar e compartilhar conteúdos com base na habilidade de compreensão do significado das palavras, a chamada web 3.0. Esta foi se misturando com outros recursos que dilataram o seu perfil, tais como: gráficos 3D, games, e-comércio, contextos geoespaciais etc. somados à ubiquidade que permite a conexão de quaisquer recursos à web de modo que os mais variados serviços podem ser utilizados em quaisquer lugares. Tudo isso é imediatamente absorvido, sem tropeços, pelos usuários (Ibidem, p. 17).

Nesse sentido, juntamente com as práticas de leitura e escrita no suporte digital foram surgindo também novos conceitos de gêneros a fim de atender às necessidades dos falantes do seu tempo. É preciso, segundo Rojo (2009), que a linguagem atenda às necessidades da vida em sociedade e no ambiente laboral neste mundo globalizado em que comunicação e informação se estabelecem por meio de alta circulação, mantendo-se uma ética plural e democrática, ao mesmo tempo em que se fortalecem identidades e tolerância às diferenças. “Para tal, são requeridas uma visão situada de língua em uso, linguagem e texto e práticas didáticas plurais e multimodais, que as diferentes teorias de texto e de gêneros favorecem e possibilitam” (Ibidem, p. 90).

Conforme as interações sociais vão se transformando, a comunicação e suas funcionalidades vão se modificando a fim de atender às novas necessidades. Tais mudanças se tornam permanentes diante do fluxo no qual a cadeia tecnológica se

encontra. E, “por causa do grande envolvimento e domínio dos gêneros digitais, a tendência é que os internautas ampliem sua necessidade de interação, o que exige naturalmente a criação de outros gêneros digitais num processo de invenção infinita de gêneros textuais” (XAVIER, 2005, p. 05), os quais estão presentes nas comunicações desde as redes sociais até aos hipertextos. Desse modo, “cada pessoa, através da comunicação por gênero, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando” (BAZERMAN, 2011, p. 114).

Retomando a história Paiva (2010) lembra que, com o advento da escrita, “é marcante a interferência da nova tecnologia na transmissão de mensagens e o desenvolvimento do gênero epistolar, representando um gigantesco avanço no sistema de comunicações” (Ibidem, p. 82). Visto que tais tipos de comunicação fazem parte do cotidiano de seus usuários, é relevante o papel do professor ao se apropriar dos gêneros digitais em sala de aula. Nesse entendimento, aprender está ligado às habilidades adquiridas em suas vivências e a relação que se estabelece por meio dela. Quanto mais próximo do objeto pessoal pode-se, assim, compreendê-lo melhor.

As mudanças da escrita, na era digital e o avanço das tecnologias, com ênfase nas tecnologias móveis digitais e suas transformações, trouxeram desafios para serem enfrentados pelos educadores. Por isso, segundo Roxane Rojo (2013), a escola, enquanto principal agência de formação sistemática no seio da sociedade, não pode mais se furtar de abordar a hipertextualidade e trabalhar as relações entre as diversas linguagens presentes nos textos da hipermídia. A utilização dos gêneros textuais digitais em sala de aula está sujeita à formação de sujeitos pertencentes ao ambiente tecnológico, os quais, ao se depararem com esses gêneros em seus processos de aprendizagem escolar, encontrarão mais sentido e significado nas aulas.

Bakhtin (2011) enfatiza que quanto maior o domínio da diversidade de gêneros, menor são os desembaraços em relação a seu emprego e de modo mais pleno e nítido “descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso” (Ibidem, p. 285). Depreende-se daí a necessidade de convergência dos gêneros textuais em um novo formato, oferecido pelo próprio suporte digital para os dias de hoje, através dos mecanismos textuais, que se configuram como um hibridismo entre as competências da fala e da escrita. Marcuschi (2010) afirma que “o grande risco que corremos ao definir e

identificar esses gêneros [digitais] situa-se na própria natureza da tecnologia que os abriga” (Ibidem, p. 25). Sobre os gêneros textuais, o autor ainda lembra serem estes produtos de relações complexas entre meio, uso e linguagem. “No presente caso, o meio eletrônico oferece peculiaridades específicas para usos sociais, culturais e comunicativos que não se oferecem nas relações interpessoais face a face” (Ibidem, p. 23).

É oportuno, portanto, refletir a respeito de como a comunicação na internet e o surgimento de novos gêneros vêm alterando outros gêneros – isso porque o “modo de enunciação digital só se realiza na tela” (XAVIER, 2002). São novos tempos, novo mundo, que modificam as estruturas da comunicação e fazem emergir novos parâmetros no mundo textual. Vale lembrar que os gêneros textuais convencionais não foram substituídos pelos novos gêneros no suporte digital, todavia ganharam novas características. A maioria dos usuários da língua sabe que não se escreve da mesma forma em todos os gêneros e suportes de escrita, bem como “não se pode separar a escrita da leitura enquanto processos de aquisição, (re)organização e distribuição de conhecimento, já que estão cognitivamente imbricados” (XAVIER, 2005, p. 07). De acordo com o autor, os usuários

[...] aprendem fazendo, praticando, experimentando; escrevem e leem, leem e escrevem muitas mensagens nesses gêneros. Assim vão inserindo cada um deles em seu cotidiano, aperfeiçoando-os e tornando-se competentes para o emprego desses gêneros conforme suas necessidades sociocomunicativas (XAVIER, 2005, p. 05).

Uma nova forma de leitura do mundo se impõe diante do sujeito perante a forma de como se lê e se escreve, conseqüentemente novas competências também vão surgindo. Assim, na esteira da leitura do mundo pela palavra, emerge uma tecnologia de linguagem cujo espaço de apreensão de sentido não é apenas composto por palavras, mas, junto com elas, sons, gráficos e diagramas são encontrados, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns sobre os outros, formando um todo significativo e de onde sentidos são complexamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital (XAVIER, 2010).

A escola não deve negligenciar a exploração dos gêneros emergentes com bastante frequência, em especial nas aulas de língua portuguesa para melhor dinamizá-las estimulando o aluno à produção textual por um meio que lhe é mais atraente e empolgante. A própria ida ao laboratório de informática já é uma mudança de ambiente,

que poderá se evidenciar como *locus* de descoberta de traços e capacidades de *upgrade* retórico-argumentativo.

A participação constante dos alunos tende a ampliar sua capacidade de argumentar sobre temas diversos, levando-os a aprender a refletir dialeticamente sobre as diversas opiniões e construir sua própria síntese sobre as questões em discussão. [...] Desta forma, os gêneros digitais são mega ferramenta para desenvolver nos aprendizes a necessária habilidade de construir pontos de vista e defendê-los convincentemente (XAVIER, 2005 p. 37-38).

Desse modo, estudar os gêneros textuais digitais no contexto escolar suas características em relação aos demais juntamente a uma análise do ambiente do ciberespaço em que eles ocorrem se torna necessário na contemporaneidade. Nessa linha de pensamento, afirma Lévy (1999) que “As tecnologias digitais surgiram então como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (Ibidem, p. 32). Por meio do ciberespaço, as redes de comunicação se integram e rapidamente se recriam formando um universo de informações pelo qual navegam e se desenvolvem através de uma linguagem híbrida e dinâmica. Conforme declara Moran (2018), “O mundo é híbrido e ativo, o ensino e aprendizagem, também, com muitos caminhos e itinerários que precisamos conhecer, acompanhar, avaliar e compartilhar de forma aberta, coerente e empreendedora” (Ibidem, p. 11). Nesse sentido, o lançamento da BNCC pelo governo federal vem com orientações da necessidade de práticas letradas em sala de aula.

### **3 As práticas letradas digitais sob o olhar da BNCC**

Em 1988, a Constituição Federativa já antecipara o desejo de tornar o ensino o mais acessível e igualitário possível para todos os brasileiros e, em seu artigo 210, declara que “serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988, p. 124), com o intuito de minimizar a desigualdade na Educação ofertada. Posteriormente, aliadas às exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) e às três metas do Plano Nacional de Educação (PNL), em 2015, iniciaram-se as discussões para a criação de uma base comum para a Educação Brasileira, a atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O processo de elaboração reuniu vários órgãos como o Ministério da Educação (MEC), Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed) e União Nacional dos Dirigentes da Educação (Undime) e Universidades Públicas, além das contribuições da sociedade civil. Foram dois anos de análise em busca de um modelo que contemplasse as competências e habilidades necessárias para um ensino comum e de qualidade. Em 2017, o modelo final da Educação Infantil e o do Ensino Fundamental foram enviados para avaliação e homologados em 2018. Para o Ensino Médio, a conclusão e homologação da base foram adiadas, permanecendo ainda em discussão até 2018, tendo sua homologação em dezembro daquele mesmo ano.

A BNCC foi criada com o intuito de basilar o ensino, ou seja, tentar minimizar a desigualdade existente em todo o território nacional. Não é um currículo mínimo, mas um documento normativo que tem como foco a aprendizagem, visando o essencial para cada período de escolaridade. Para tanto, assume o papel de desenvolver competências que correspondam às necessidades dos estudantes, a fim de prepará-los para o futuro, garantindo-lhes o que é fundamental para o seu desenvolvimento, direcionando à educação brasileira para uma formação integral, uma construção justa, democrática e inclusiva.

É importante destacar que a BNCC não apresenta um modelo engessado de currículo, pois é sabido que “as competências e diretrizes são comuns, os currículos são diversos” (BRASIL. BNCC, 2018, p. 11), as unidades serão responsáveis pelos seus próprios currículos que devem respeitar as particularidades existentes. A única exigência é que esses estejam em consonância com o desenvolvimento das competências propostas. Esse processo de construção teve início em 2018, após a homologação do documento da Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

Com a homologação da BNCC, as redes de ensino e escolas particulares terão diante de si a tarefa de construir currículos, com base nas aprendizagens essenciais estabelecidas na BNCC, passando, assim, do plano normativo propositivo para o plano da ação e da gestão curricular que envolve todo o conjunto de decisões e ações definidoras do currículo e de sua dinâmica (BNCC, 2017, p. 20).

É notório que todas as áreas evoluem com o tempo e a transformação no indivíduo é constante. A busca por inovação e atualização deve ser contínua. O mundo enfrenta uma pandemia que deixa ainda mais evidente que é preciso uma adaptação a novos meios de aprendizagem. Ensinar em um contexto de tantas mudanças e evoluções

requer dedicação, motivação, responsabilidade e preparo. Freire afirma que “a tarefa de ensinar é uma tarefa profissional que, no entanto, exige amorosidade, criatividade, competência científica, mas recusa estreiteza cientificista, que exige a capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa fenece” (apud PASSARELLI, 2004, p. 26). No âmbito educacional, a abertura ao novo precisa ser incentivada e a apropriação do que é trazido pelas tecnologias digitais é assaz relevante.

Ademais essa nova realidade exige que tanto alunos como professores sejam inseridos em uma nova modalidade de ensino, para isso a inserção da tecnologia digital é inevitável. A partir do momento em que o contato pessoal não é mais permitido, busca-se meios para que a informação e o conhecimento cheguem ao seu destino. Alguns conceitos e modelos de aprendizagem se fazem necessários independente do contexto no qual se assumam. Passarelli (2004) afirma que

Tanto ensino à distância como a educação presencial, a pedra de toque de modelo pedagógico que inclui as tecnologias é o estímulo à aprendizagem cooperativa, colaborativa e à autoaprendizagem. Para isso ser viável, um caminho é levar em conta o que se entende por interação construtiva (PASSARELLI, 2004, p. 59).

A Base Comum Curricular contempla essa ideia de inserção de novas metodologias, de uma formação global e de trabalho com a diversidade dos avanços tecnológicos. A Educação para o século XXI exige inovações, afinal, mudanças acontecem a todo momento e não é possível ensinar da mesma forma, usando as mesmas metodologias, principalmente, em meio às exigências da sociedade e do momento em que as tecnologias invadem o cenário. As tecnologias digitais propiciam um novo campo de atuação e ensino com a apresentação de novos sentidos. Marcuschi (2010) declara

Pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo assim na natureza dos recursos linguísticos utilizados (MARCUSCHI, 2010, p. 23).

A Base é um documento normativo que se apresenta dividido em áreas de acordo com cada segmento. No caso da Educação Infantil, a divisão é feita em cinco campos de experiência. Já no Ensino Fundamental, divide-se em áreas do conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e

Ensino Religioso. No Ensino Médio, em quatro: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais aplicadas. No contexto de Linguagens, especificamente, em Língua Portuguesa para o Fundamental e Médio destaca-se

O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas em grande parte ao desenvolvimento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) (BRASIL. BNCC, 2018, p. 67).

A linguagem é a faculdade do ser humano utilizada para se comunicar. Em se tratando dessa efetivação por meio dos textos, é possível observar uma imensidão de formas de se expressar. Com as práticas contemporâneas e com as tecnologias digitais, alguns gêneros tradicionais sofrem alterações e outros surgem para atender às necessidades da atualidade. Esses se revelam cada mais multissemióticos e multimidiáticos, sendo produzidos, configurados e disponibilizados de diversas formas que resultam uma maior interação, em especial, nos ciberespaços. Os gêneros textuais digitais são enfatizados pela BNCC em suas competências gerais para Educação Básica. Segundo a Base, as competências gerais para o Ensino Básico são, dentre outras:

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL. BNCC, 2018, p. 9).

A Base corrobora com a ampliação dos letramentos e a descoberta de novos gêneros, como explicitado na competência 10, específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, destacando a importância do trabalho com as novas tecnologias digitais. Observa-se a necessidade de “mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar

diferentes projetos autorais” (Ibidem, p. 87). No documento, nas competências específicas de Linguagens e suas tecnologias para o Ensino Médio, lê-se sobre a necessidade de:

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (Ibidem, p. 490).

As práticas digitais são evidenciadas nas competências como forma de expansão para a produção de sentido, além de contribuir para a construção de uma aprendizagem significativa. A BNCC, em toda a sua estrutura, preocupa-se com a formação integral do aluno a fim de colaborar para a formação de uma sociedade mais equânime e inclusiva. Essa preocupação se encontra refletida em cada uma das competências construídas ao longo das discussões para sua construção.

### **Considerações finais**

É evidenciada uma renovação nos textos e a criação de novos gêneros que se inserem no meio tecnológico digital. A escrita e a leitura modificaram-se à medida que foram surgindo novos meios tecnológicos e mais intensamente com uma rotina imposta pelo uso da internet. A proposta deste trabalho, provido como instrumento de estudo, está ligada à utilização dos gêneros textuais digitais no contexto de sala de aula como meio para a construção de sentido do educando em diferentes situações comunicacionais. Tais gêneros compõem uma nova realidade, na qual o estudante se encontra inserido, sendo de suma importância que saiba utilizá-los com propriedade e criticidade, em especial, em tempos nos quais a educação ganhou um novo perfil de ensino a distância, com aulas remotas, que encontram nos meios tecnológicos um suporte para o processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, fica clara a aparição de novos gêneros decorrentes dos avanços da tecnologia digital e sua relevância para a criação de sentido, em um momento no qual as aulas presenciais foram suspensas por conta da pandemia do Covid-19. Nota-se a transformação das pessoas em uma rede humana comunicante, por intermédio do computador e da amplitude comunicacional ofertada por ele, possibilitando a

comunicação com muitas pessoas ao mesmo tempo, sem limitações de espaço e tempo e ainda lançando mão de formas inovadoras para que isso aconteça.

Observa-se, portanto, que diante de um novo cenário com novas possibilidades de comunicação faz-se necessária a abertura ao novo por parte de professores e alunos para que, ao estar em contato com os novos gêneros digitais, reconheça-os como aliados para uma formação integral.

## **Referências**

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARTON, David; LEE, Carmem. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola, 2015.

BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. BNCC. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

\_\_\_\_\_. BNCC. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem e Ensino**, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

PAIVA, V. L. M. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PASSARELLI, L. **Ensinando a escrita: o processual e o lúdico**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irinneu da Costa. São Paulo: 34, 1999.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

\_\_\_\_\_; **Escola Conectada**: Multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros Discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

SANTAELLA, Lucia. Prefácio. Acelerações espaço-temporais evanescentes. In: SANTAELLA, Lucia; FERRARI, Pollyana. (Orgs.). **Fluido, Fluxo**: reflexões sobre imagens voláteis, gênero, pós-verdade, fake news e consumo neste tempo de espirais fluidas [recurso eletrônico]. Porto Alegre/RS: Fi, 2018. Disponível em: <encurtador.com.br/mnuL8>. Acesso em: 15 jun. 20.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **O hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. 220 p. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas/SP, 2002. Disponível em: <encurtador.com.br/hoFJM>. Acesso em: 19 mai. 20.

\_\_\_\_\_. Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet. **Revista Investigações**: Linguística e Teoria Literária. v. 18, n. 2, ed. 13, p. 01-13, jul. 2005. Disponível em: <encurtador.com.br/CHVXZ>. Acesso em: 28 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e Orgs. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVERSTONE, Roger. **Porque estudar mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.